

Entrevista com o poeta Mado

Miguel Nenevé¹

Iluska Lobo Braga²

Esta entrevista com o poeta, ativista cultural e social me remete a uma entrevista que o Carlos Macedo Dias, mais conhecido como Mado, deu para um escritor americano, Bob Reiss, no ano de 1989. Nossa função na época, era apenas traduzir a entrevista, já que o escritor não sabia português e o poeta Mado não dominava o inglês. Era recente em Porto Velho e na Universidade Federal de Rondônia – UNIR e, por meio da Rosemary Gannon, dona da Livraria da Rose, tivemos contato com Bob Reiss e também recebemos sugestões sobre pessoas que deveríamos entrevistar para conhecer a realidade de Porto Velho. A entrevista com Mado foi também sugerida pela Rosemary Gannon. É importante ressaltar que a Rosemary Gannon sempre recebia estrangeiros, por ser americana e por falar inglês, então auxiliava muito os visitantes de Porto Velho para contatos importantes na cidade. Dados daquela entrevista aparecem no livro *The Road to Extrema*, de Bob Reiss, publicado pela Summit books em 1991. É necessário também ressaltar que o período, 1989-1990, era um período de grande presença de jornalistas estrangeiros na Amazônia. Talvez seja conveniente relembra o contexto.

Um capítulo do livro *Olhares sobre a Amazonia (2001)* intitulado “O olhar norte-americano sobre a Amazonia na Década de 90: uma análise de *The Bruning Season* de A. Revkin e *The World is Burning* de A. Shoumatoff” por Miguel Nenevé nos ajuda a apresentar o contexto do momento. Aqui vou transcrever uma paisagem no início do capítulo:

No final da década de 1980, o discurso sobre o meio ambiente adquiriu uma dimensão inesperada em nosso país, sobretudo associado à questão da Amazônia. Este fenômeno pode ser explicado em parte devido a conflitos sociais característicos do processo de colonização,

¹ Doutor em inglês e Literaturas. Professor aposentado do Departamento Acadêmico de Letras Estrangeira da Universidade Federal de Rondônia (DALE- UNIR), Centro de Idiomas Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Email nenevem@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9792-1134>

² Professora do Departamento de Ciências Contábeis e Mestrado Profissional em Administração PROFIAP da Fundação Universidade Federal de Rondônia- UNIR. Doutora em Administração pela Universidade do Grande Rio. Email: iluska.lobo@unir.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3640-5021>

que gerou um olhar internacional sobre a região. Uma grave ocorrência resultante desses conflitos foi a morte do líder seringueiro Chico Mendes. Este acontecimento trouxe dezenas de jornalistas estrangeiros para cá com a finalidade de escrever sobre a Amazônia Brasileira. (99)

Foi neste contexto e por esta motivação que o escritor Bob Reiss chegou em Porto Velho, para depois ir ao Acre, a fim de produzir artigos para revistas e jornais americanos e produzir o livro *The Road to Extrema* (1992). Na época em todo o mundo jornais, revistas, rádio, televisão traziam notícias sobre a Amazônia, desmatamento, queimadas, violência no campo, principalmente quando se falava em ecologia, obrigatoriamente se falava em Amazônia.

Entre as lideranças que Bob Reiss queria entrevistar para entender a realidade de Rondônia havia líderes de garimpeiros, líderes religiosos, sindicatos e o poeta Mado era o destaque em trabalhos sociais agregando pessoas, promovendo encontros artísticos e culturais. Talvez poderíamos dizer que era também um “*influencer*” da época. Durante a entrevista nos presenteou com o seu livro de poemas *Ar(MADO) se preciso for o poema*. O jornalista americano queria entender o papel que uma liderança como Mado influenciava nos movimentos de resistência, no respeito ao meio ambiente e na percepção e consciência social dos porto-velhenses.

Hoje, 34 anos depois Mado continua incentivando e influenciando gente nova na arte, na percepção da sociedade e na resistência ao modo colonizante de viver Porto Velho e Rondônia. Por isso acreditamos que esta conversa entre Mado, Iluska Braga e Miguel Nenevé pode ser reveladora e relevante para entendermos um pouco de Porto Velho, seu crescimento, suas mudanças, seus movimentos de resistência e sua cultura de um modo geral. Aqui transcrevemos, resumidamente, o que conversamos no dia 07 e 14 de julho de 2023 em cafés pela cidade de Porto Velho. Após o professor Miguel apresentar o contexto de Porto Velho quando de sua chegada, há 34 anos atrás, a Professora Iluska inicia a entrevista.

Iluska: Como que dá para perceber a mudança de Porto Velho daquela época para cá. Então tu lembrás desta entrevista?

Está na memória. Eu vou fazer 70, eu lembro deste tempo e do exercício da Educação Popular de colocar a cultura no cenário da cidade. Elemento que juntava Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) e a questão do que fazer com as populações urbanas.

Naquela época conheci Roberto Sobrinho, era um militante que veio de São Paulo para Porto Velho e experimentou conosco o método proposto por Paulo Freire, com a criação do coletivo para estudar o método. Iniciamos com 14 pessoas, mas somente 4 pessoas (Mado, Nina Kátia, Julia Ester Castro e Roberto Sobrinho) que concluíram e foram para a prática. Foi nesse processo de ler que fui construindo o aprendizado para a prática. Começamos com a alfabetização de adultos com populações do bairro Costa e Silva.

Um contexto que é preciso relatar é que nos anos 80 vivíamos um governo ditador. Na Amazônia só coronel quem mandava. As organizações sindicais eram o apoio ao movimento popular, juntamente com a cooperação internacional, CUT, Seringueiros, ONG's ambientais e indígenas e movimento de moradia.

A relação como o tempo de hoje, como é que na rua a gente tá agitando o movimento? Tem, levantando bandeiras da luta popular: das mulheres, de indígenas e outras pautas necessárias.

Miguel: Sim, e chamando a poesia para a rua, a arte para a rua.

Sim, a periferia para ocupar o centro. Os negros, indígenas, mulheres. Nós no exercício da nossa ação como educadores atuando na Educação popular. Na época, a missão era pautar a cultura na agenda da cidade, era trazer pessoas para se apresentarem, ocupar os espaços.

Miguel: Que espaços? Você quer dizer espaços como por exemplo, quando foi inaugurado o Mercado Cultural que você chamou pessoas desconhecidas para

apresentarem suas criações, seus poemas, suas músicas, teatro. Pessoas que não eram nem bem conhecidas de todo o público. Então essas coisas deviam continuar, não?

A praça é o espaço de resistência. O museu é o espaço de resistência. A poesia que está aqui deve estar na rua também. Quem legitima a cultura é a população. Não é legal aquela coisa que você chega e vê tudo alinhadinho, tudo arrumadinho, e aí ouve dizer: “olha agora sou um poeta”. Mas quando é possível ouvir diversas vozes da cidade. E é isso que vai agitar, que valoriza a ação e que faz juntar as pessoas.

No início, nós começamos estudar Paulo Freire, que não se estuda dentro da academia. Mas nós estudamos fora da Academia. Fizemos um grupo de pessoas. Tinha gente da academia, tinha gente do movimento social. Fomos discutir o que é que nós iríamos fazer com relação às populações urbanas. O que na realidade questionávamos, era o que as pessoas necessitavam.

Miguel: Você conheceu o pensamento de Paulo Freire e seu livro *Pedagogia do Oprimido* na universidade ou conheceu nos movimentos?

Não, não. Tudo fora da universidade. As informações que vem da universalidade que a gente capta, cada um captou. Eu fui uma dessas pessoas da persistência, da insistência e do que eu me interessei pela leitura política e cultural e pela ação prática. Me interessei em trabalhar com populações. Aí eu me tornei um dos educadores sociais.

Miguel: Ah, sim, depois começou a pôr em prática; E você era empregado do governo do Estado ou da prefeitura?

Nunca fui empregado do governo. Governo não, não, eu nunca fui. Nunca tinha pego nenhum projeto de governo. A gente era apoiado pela cooperação internacional e as entidades nacionais que trabalhavam pela democracia. O tempo são as leituras que vão fazendo você ter consciência da realidade, com clareza das coisas.

Miguel. Certo. E naquela época, quando você deu aquela entrevista que eu traduzi para o americano você já tinha um livro (já mencionado) *Ar-Mado se preciso for o poema*. E a pergunta é se este livro foi influenciado pelo trabalho ou o trabalho de certa forma teve

alguma influência do livro, ou melhor, qual a relação que há entre o livro de poemas e seu trabalho social?

Bem, aí são duas coisas diferentes, mas que na caminhada eles se encontram. A educação popular tem, no meu entendimento, uma conversa com a dramaturgia. Ela apresenta várias conexões com a literatura que revela a realidade e vem da realidade. É o círculo de culturas, ele é um espaço de diálogo onde todos falam. E, apresenta demandas que não pode prorrogar esse discurso e definir as questões para as pessoas. A literatura só dá aquele mote para as pessoas irem conversando, e aí essas conversas vão gerando um monte de coisas. E lá está a palavra geradora. As palavras geradoras, o que o sistematizador vai anotando tudo lá, e de lá vai para discussão, que pode ser tudo. Na realidade, tudo vem da realidade. E ali, depois da palavra geradora, você desmembrava uma palavra que eles, as pessoas do local tinham escolhido. Isso já era alfabetização e tanto serve também para reunir grupos para discutir suas temáticas econômicas, culturais, políticas, afetivas, tudo isso. Essa coisa vivia na minha cabeça.

Miguel: Naquela época, Porto Velho estava fermentada de gente que vinha de fora. Hoje já não é tanto, não é?

Bom, é diferente. Naquele tempo você ia trabalhar alfabetização de adultos, mas com apoio de ideias de Paulo Freire. Na área urbana, nos bairros que davam também informação. Na periferia também estava a informação, tanto referente as pessoas que iam morar naquele bairro quanto a infraestrutura que não tinha nenhuma. Bairros foram abertos ao léu, aí jogavam as populações de qualquer maneira.

Como eu ia falando, educação dialoga com o teatro que temos, que coloco para as pessoas. O teatro é a poética, na poética e aí está a visão do poeta. Essas práticas de trabalhar por mulheres e por populações a dramaturgia abriu muito mais.

E a minha ideia de ser o poeta vem desde os 12 anos, por aí. Mas eu já me ensinei mais, quando eu li, lia muito os poetas já consagrados do meu país, sim, da América Latina. Eu realmente já tinha essa leitura. E tinha essa prática, então, a poesia ela já vem comigo, há muito tempo. No fundo do quintal. As brincadeiras culturais, populares, mesmo eu não participando, mas eu tinha um olhar.

As pessoas que moravam na cidade, elas tinham um figurino que não era igual ao figurino normal. As pessoas que eu observava, pessoas distantes do diálogo com a sociedade, pessoas que não tinham um diálogo com a sociedade. Pessoas que não tinham poder ou não tinham um padrão “normal”, não se conversava com elas, elas eram discriminadas. Por exemplo, elas não tinham uma família, não tinham não. E só então aí você começa a perceber, aqui esse meu olhar que enxerga o que não pertence. Aí você começa a perceber e começa a escrever, com olhar crítico, poético ...

Iluska: E as pessoas que são discriminadas são as pessoas daqui de Porto Velho que discriminam? Ou o contrário, somos discriminados pelas pessoas que vinham de fora? Quem sofria discriminação? A que discriminação você se refere?

Isso! Pessoas que chegavam de fora. Era um olhar julgador. Eu não tinha esse conceito, diz que não estou falando isso agora, mas eu percebia. E meu olhar era de observador. O olhar era um olhar de enxergar mais. Assim havia o olhar que era expreso na dramaturgia. Um olhar crítico ao que estava (está) encaixado na política.

Iluska: E hoje, olhando para trás e comparando, você vê que há discriminação? Eu estou te perguntando isso porque eu sempre fico me questionando quem eram os velhos do Porto? Porque a gente tem um conceito que parece que na época não havia pessoas em Porto Velho e que somos todos “bandeirantes de Rondônia”.

Eu tenho uma coisa característica minha, eu não trabalho essa coisa saudosista de nossa cidade. Eu acho meio reacionário este saudosismo. Mas você não pode desprezar os outros. Isso que é o que é o arcaico. Eu bebi no saber arcaico. Não quero dizer que seja arcaico. Eu quero enfatizar isso. Pessoas que chegavam à cidade com percepção de colonizador, com preconceitos sobre a cultura daqui. Parece que eles chegam aqui, mas não querem pertencer ao local.

Miguel: Sim, mas falando em pertencimento. A pessoa é amazônica, está na Amazônia, mas não vive a Amazônia. É, eu estou falando do pertencimento de Porto Velho. Porque às vezes há gente que está aqui como esses “Bandeirantes” de que fala do hino de Rondônia, acabam fazendo as coisas, mas não conhecem Porto Velho.

É, não conhece essas festas populares como a Festa de São Sebastião, a procissão de São Pedro. Eles não conhecem os espaços da cidade onde há cultura. Nesses espaços de alimentação regional, você vai conhecer uma pessoa, então a pessoa fala de outros locais onde as pessoas se encontram na cidade.

Iluska: Mas você não acha muito incipiente aqui da cidade de Porto Velho, principalmente comparado com cidades como Belém, que respira isso?

A gente entra muito tímido. E aí nesse ponto, eu fico perguntando: Quantos anos nós temos? Porto Velho cem anos, pode-se dizer, Belém tem em torno de 500 anos. Manaus é mais velha também.

Ainda sobre pertencimento, muita gente teria que ir às festas como São Sebastião, São Pedro. São manifestações culturais. Algo do coletivo também, o povo. Se você tem consciência, já tem a resistência. Quem são as minhas referências? As memórias têm que ser contadas. Por exemplo, o Bubu Johnson fundou o movimento cabeça de negro. E ele conduziu ali com outros atores. Nesse movimento nos anos 80 e 90, eles criaram os projetos onde agregava a música, a poesia, o teatro, as falas, os contos.

Essas pessoas da resistência agora, têm um pé no que fazíamos há muitos anos. A gente ao ver um café cultural, ao ver um poeta ribeirinho tem que acreditar também nas suas raízes e nos movimentos anteriores. Os que vão ao teatro curtem teatro; os que vão a eventos culturais e que participam de espaços alternativos que constroem o pertencimento da cidade. No teatro eles vão viver essas coisas. Elas vão viver a primeira poesia, depois a paixão, os movimentos. A poesia que se escreve no olhar.

Iluska: E os movimentos? Na minha vivência com grupos e movimentos de resistência eu tive a impressão que não existe um movimento, eu senti grupos e esses grupos viram-se para si.

Movimento é aberto, o grupo é fechado. O movimento tem relação com autonomia. A universidade tem que dialogar com o movimento. A academia do saber é o que virou a universidade; de um saber empoderado para um saber elitista. A palestra é o instrumento, mas cadê a voz da comunidade?

A agenda é feita com as populações. Começa com o indivíduo no seu contexto econômicos, social e cultural e depois observa-se como o indivíduo conversa com o coletivo, da pauta doméstica segue para a pauta política, social e cultural.

Por exemplo, eu lembro da pauta sobre a questão da implantação das usinas aqui em Porto Velho. Não é porque eu não ia ficar com a energia, que a grana que vinha a gente não ia ter nenhuma autonomia; mas foi como aconteceu. Acabou sendo tudo fora do contexto do que deveria acontecer. É enfim desviado? Disseram, não fizeram, fizeram um posto, fizeram uma escola. É, agiram do jeito que a gente disse na época da pauta, que o que eles iam implantar ia acabar aumentando as diferenças sociais.

Meus anos de atuação, vivenciei várias temáticas na educação popular, como essa questão da hidrelétrica, o garimpo, as minerações e agora o agro com toda a questão climática e os impactos. Eu sempre me aproximei das pessoas e da ideia coletiva. A poética vem daí, ela surge é na escrita para você também, porque você é esse poeta que você diz que a menina fez a leitura. Mas Quem aceita a poesia dentro de casa? Então como estimular o jovem a ler poesia?

A poesia tem que estar na feira, em tudo. Ela tem que ser porque é um mergulho dentro do teu sentir. E há de ter espaço para divulgar teu livro, o que é mais provocante para eu escrever? eu quero movimentar, espalhar, divulgar. A educação se dá pela palavra, ela coloca o seu problema na roda. O diálogo é o caminho da resistência.

Já fui Cantor
Enchi praças
Cantei pras massas
Já fui guerrilheiro
Organizei assaltos
Distribui a renda com os guetos
Já fui poliglota
Ensinei crianças
de todos os cantos do mundo
Já fui ator popular
Roubei sorrisos
Em vilas e avenidas
Já fui Educador Popular
Eduquei em círculos coletivos
De homens e mulheres
Os caminhos das pedras
(Livro Das Tripas ao Marcapasso – Mado, 2003, p. 43)

Referências

- DIAS, Carlos Macedo – Poeta Mado. **Das Tripas ao Marcapasso**. Porto Velho: Edufro, 2003.
- NENEVÉ, M. PROENÇA, M. e COOPER (orgs), M. **Olhares sobre a Amazônia**/Looking at the Amazon. São Paulo-Porto Velho: Terceira Margem/EDUFRO, 2001